

Martins, Ana Maria 2013. Copiar o português duocentista: A Demanda e o José de Arimateia. In: Álvarez, Rosario, Ana Maria Martins, Henrique Monteagudo & Maria Ana Ramos (eds.), *Ao Sabor do Texto. Estudos dedicados a Ivo Castro*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico. 383-402.

Copiar o português duocentista: a *Demanda* e o *José de Arimateia*

Ana Maria Martins

A investigação de Ivo Castro sobre a difusão do romance arturiano na Península Ibérica permite dar hoje por adquirido que uma tradução portuguesa duocentista, integral e precoce, do ciclo da Post-Vulgata (a trilogia *José de Arimateia*, *Merlim* e *Demanda do Santo Graal*) foi realizada na esfera da corte de Afonso III, por um frade da Ordem de Santiago de nome João Vivas.

Pode considerar-se suficientemente estabelecido que houve uma única tradução do ciclo, completo nas suas três partes, feita por Fr. João Vivas para o português e mais tarde vertido para o castelhano (o que foi provado por Bogdanow pelo menos no que respeita à *Demanda*). Do original francês que serviu para essa tradução, nada se sabe, além da afinidade entre o *José de Arimateia* português e o grupo de manuscritos híbridos da *Estoire*. É possível, com estes elementos, formular uma conjectura: se o original francês da tradução continha secções da redacção longa e da redacção breve da *Estoire*, combinadas por certa ordem, podia resultar da contaminação de um exemplar de cada redacção, o que aponta para uma elaboração relativamente tardia, nunca anterior a finais do século XIII; mas também podia corresponder a um estado muito inicial do texto, que precedesse o desenvolvimento das duas redacções. Esta possibilidade harmoniza-se com outra hipótese: a de o tradutor ser o único João Vivas até agora identificado na Península, um freire português da Ordem de Santiago, residente em Lisboa e frequentador, pelo menos, da corte de Sancho II. Por trás desta possível tradução portuguesa da Post-Vulgata, feita em meados do século XIII a partir de manuscritos do ciclo recém-concluído, perfila-se a figura de Afonso III como seu introdutor em Portugal – ele ou algum membro da sua corte literata. É claro que esta teoria tem muitos pontos impossíveis de verificar, sendo o seu principal mérito o de concordar com os factos conhecidos (a que haveria que juntar provas da antiguidade linguística e textual de certas camadas dos textos) e de não colidir com os hipotéticos. (Castro 1993, s.v. *Matéria da Bretanha*)

Da tradução portuguesa duocentista da Post-Vulgata arturiana subsistem duas cópias parciais e de cronologias distintas: a *Demanda*, quatrocentista, e o *José de Arimateia*, quinhentista, além de um fragmento trecentista do *Merlim*, de que não me ocuparei aqui. Isto sugere que, de certa forma, a trilogia se desagregou e cada um dos textos portugueses do ciclo da Post-Vulgata passou a ter circulação independente. Mas esta não é a questão de que aqui irei tratar.

Não se conhece a tradição manuscrita da *Demanda*, entre a versão original da tradução e a cópia única que hoje se conserva, mas a observação linguística do manuscrito quatrocentista é suficiente para nos mostrar que a sua fonte foi uma versão do texto muito próxima da tradução duocentista, pelo menos no plano lexical e gramatical, que é o que aqui nos interessa (cf. Michaëlis de Vasconcelos (1904), Nunes (1908), Lapa (1930, 1982), Megale (2001), Castro (1983, 1984, 1988, 2002), Filipe (2007)). A presença do estrato linguístico duocentista também é visível no manuscrito quinhentista do *José de Arimateia*, como mostrou Sílvio Toledo Neto (2001). Juntando este dado ao conhecimento de que um manuscrito trecentista (com data provável de 1314) esteve na base da cópia quinhentista organizada por Manuel Álvares,¹ podemos admitir que tanto no caso do *José de Arimateia* como no da *Demanda* temos hoje acesso a manuscritos que embora tardios relativamente à data da tradução, foram produzidos a partir de exemplares que representariam bem o texto português primitivo.

¹ Diz Ivo Castro, referindo-se ao exemplar copiado por iniciativa de Manuel Álvares: *Podia ser seu próprio o cólofon que Álvares fez copiar fielmente e que o data de 1314, feito por mando do mestre-escola de Astorga, João Sanches*. (Castro 1993, s.v. *Livro de José de Arimateia*)

Assumindo que este raciocínio está certo (e assumindo o risco de oferecer trabalho de amadora ao especialista arturiano, mestre e amigo que quero homenagear), pretendo desenvolver neste trabalho as três ideias que identifiquei a seguir, e que não correm cada uma por si. No resto do artigo usarei as designações *Demanda* e *José de Arimateia*, sem mais especificação e sem itálico, para me referir aos manuscritos portugueses (quatrocentista e quinhentista) que serão aqui o meu objeto de estudo.

[1] Embora tanto a *Demanda* como o José de Arimateia deixem ver o estrato linguístico do tempo da tradução, o estrato duocentista é menos nítido no José de Arimateia. Isto não parece ser apenas o efeito da distância de um século entre o manuscrito da *Demanda* e o do José de Arimateia, parece resultar também de uma intenção de revisão do texto, limpando-o de formas ‘antigas’, que esteve presente na confecção do José de Arimateia² e não, em grau equiparável, na da *Demanda*.³

[2] No José de Arimateia, a revisão sistemática do texto no sentido da eliminação de formas consideradas ‘antigas’ (e, nos termos de Manuel Álvares, ‘ininteligíveis’) visou essencialmente *palavras* (tanto itens lexicais como itens gramaticais de diferentes categorias) e não variantes gráficas ou estruturas sintáticas. Esta revisão é deliberada e incide sobre a totalidade do texto, o que sugere ser da responsabilidade do organizador da cópia quinhentista, ou seja, Manuel Álvares, e sugere ainda terem os diferentes copistas orientações claras para a eliminação ou substituição de itens lexicais e gramaticais particulares. Fora deste processo fica a inovação não sistemática, que introduz no texto acentuada variação e, por vezes, permite observar tendências individuais associadas às mãos que copiaram o texto.

[3] O estudo dos diferentes estratos linguísticos no José de Arimateia far-se-á com melhores resultados comparando o José de Arimateia com a *Demanda*, porque só essa comparação permitirá recuperar certos elementos lexicais e gramaticais que o testemunho da *Demanda* indica terem feito parte da tradução duocentista mas que foram totalmente apagados na cópia quinhentista do José de Arimateia. A *Demanda* permite ainda perceber o peso que teriam na tradução duocentista elementos que sobrevivem no José de Arimateia de forma muito marginal.

O artigo está, a partir deste ponto, organizado em três partes. Na primeira procuro mostrar que os copistas da *Demanda* e os copistas do José de Arimateia não tinham a mesma atitude nem as mesmas práticas relativamente a formas que seriam

² Cf. *José de Arimateia*, Prólogo de Manuel Álvares (os negritos são meus):

*E com esta ousadia comecei a tresladação do presente livro, que a V. A. ofereço, o qual eu achei em Riba d'Áncora, em poder de ãa velha de mui antiga idade, no tempo que meu pai, corregedor de vossa Corte, servia V. A. de Corregedor d'Antre-Douro-e-Minho, o qual livro, segundo por ele parece, é scrito em porgaminho e iluminado e acaise de dozentos anos que foi scrito. Trata muitas antiguidades e materias boas e sabrosas, como V. A. por ele verá. E com oferecer a V. A. o proprio me quisera tirar de trabalho e da reprehão que me deve dar, de com isto descuidar dos carregos que encarregados me tem. E porem, por a letra com a muita antiguidade nom ser tam legivel e assi **por muitos vocabulos irem na antiguidade daquele tempo, que agora inenteligiveis nos parecem**, tomei disto por escudo vossa muita clemencia e beninidade, que deste temor me defenderão e do que **tenho de alguns dizerem esta minha ousadia ser temeraria**. Receba V. A. este pequeno serviço e elija pessoa que o emende e ponha em melhor estilo, porque, como disse dele, **nom mudei senam os vocabulos inenteligiveis, que os que se podem entender na antiguidade daquele tempo os leixei ir**.*

³ Se esta diferença de comportamento entre as mãos que copiaram o José de Arimateia e as que copiaram a *Demanda* puder ser demonstrada, ela parece-me ir ao encontro da hipótese de que o século XVI define a fronteira cronológica mais importante entre o português antigo e o português moderno, nos termos de Leite de Vasconcelos. O português duocentista pareceria mais ‘antigo’ aos olhos de um copista quinhentista do que um copista quatrocentista, mesmo em casos em que a mudança linguística ocorreria antes do século XV, possivelmente por razões mais sociolinguísticas do que de distância temporal.

marginais e poderiam considerar-se ‘antigas’ no momento em que trabalhavam. De seguida, tentarei mostrar que a sistematicidade com que certas formas foram eliminadas ou substituídas no José de Arimateia não pode ser o resultado da espontaneidade não concertada dos dez copistas envolvidos na produção do texto. Por fim, e para reforçar este ponto, darei alguns exemplos ilustrativos da variação que emerge quando cada copista é deixado a trabalhar por si.

Os dados apresentados neste trabalho foram obtidos a partir da edição da Demanda do Santo Graal de Joseph-Maria Piel e Irene Freire Nunes (IN-CM, 1988) e de uma versão de trabalho da edição do José de Arimateia de Ivo Castro (“texto provisório” da edição em curso). A pesquisa dos dados só foi possível graças à generosidade de Ivo Castro, que me disponibilizou versões digitais das edições. A contribuição da Rita Marquilhas relativamente ao estabelecimento de alguns dos dados quantitativos foi também preciosa.

1. *Formas incomuns ou inexistentes no século XV que a Demanda mantém, em oposição ao José de Arimateia*

Trato nesta secção de contrastes linguísticos entre a Demanda e o José de Arimateia que não são o efeito de mudanças que tenham ocorrido entre o século XV e o século XVI, ou seja, entre a data de produção do manuscrito da Demanda e a data de produção do manuscrito do José de Arimateia. Antes são casos em que perante uma situação comum (copiar um texto com certos traços gramaticais que não pertenciam ao seu tempo), as mãos da Demanda e as do José de Arimateia divergem radicalmente. Tomo como indicadores um conjunto de palavras gramaticais que se perderam ou passaram a ter uso quantitativamente reduzido no decurso do século XIV, nomeadamente: o advérbio *chus/chos*; o pronome oblíquo *ende/en*; os possessivos *ma, ta, sa*; o indefinido *rem/ren*; o advérbio *ar/er*; a conjunção *ca*.⁴

1.1. *Chus/chos* (‘mais’)

Como refere Machado (1952), a palavra *chus* “é já rara no início do [século] XIV”. Encontramo-la no Testamento de Afonso II,⁵ na Notícia de Torto (onde tem a grafia *plus*)⁶ e em alguns poucos documentos notariais que não parecem ultrapassar a primeira década do século XIV. O corpus TMILG (*Tesouro Medieval Informatizado da Língua Galega*) pode ser usado como indicador, pois a presença breve desta palavra nos textos medievais parece seguir um percurso paralelo na Galiza e em Portugal. Há um total de 26 atestações de *chus/chos* no TMILG, distribuídas pelas Cantigas de Santa Maria (13 atestações de *chus*, 2 de *chos*), a lírica profana (7 atestações de *chus* no corpus total da lírica galego-portuguesa) e a prosa notarial (4 atestações de *chus*). A última atestação é de um documento notarial de 1305 (data em que Viterbo aponta também a presença de *chus* num documento “das Bentas do Porto”, não dando qualquer referência posterior).

⁴ Este conjunto é ilustrativo. Outros aspetos que poderei mencionar são a presença de *dei* como forma de 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito na Demanda mas não no José de Arimateia, a frequência com que *pois* é usado na Demanda com valor temporal, a presença na Demanda da forma *cho*, correspondente à contração do clítico dativo de segunda pessoa com o clítico acusativo, ou o facto de a forma *mi* corresponder sempre no José de Arimateia ao pronome forte oblíquo (i.e. ‘mim’), enquanto na Demanda é na maioria das ocorrências o pronome clítico dativo ou acusativo. Seguramente, muito fica ainda por explorar.

⁵ *E mado ainda que se s'asunar todos nõ poderem ou nõ quiserẽ ou descordia for entr'aquestes a que eu mado departir aquestas dezimas suso nomeadas, ualia aquilo que madaẽ os chus muitos per nõbro.* (Testamento de Afonso II, 1214, Ms. L)

⁶ *E plus li a custado uosa ajuda quali inde cae derdade* (Notícia de Torto)

Na Demanda há 31 atestações de *chus/chos*, acima das 26 da totalidade do TMILG.⁷ No José de Arimateia, a palavra não ocorre. Este dados indicam-nos que o advérbio *chus*, palavra de uso infrequente desde os primórdios da língua escrita, fazia parte do léxico mental do tradutor do ciclo arturiano da Post-Vulgata, o qual, em meados do século XIII, a usava com assinalável à vontade. Tratando-se de uma palavra gramatical que não se encontra limitada a expressões ou contextos sintáticos particulares (cf. Megale 2001), a sua presença forte na Demanda em contraste com o José de Arimateia não pode ser explicada por especificidades textuais da primeira. Como no momento da tradução a Demanda e o José de Arimateia eram partes de mesma obra, traduzida integralmente para português pelo mesmo homem, Fr. João Vivas, o contraste assinalado quanto ao uso da palavra *chus/chos* só pode ser o resultado dos processos autónomos de cópia, depois de a Demanda e o José de Arimateia terem sido desagregados da primitiva trilogia e ganhado histórias independentes.

Em síntese, tudo indica que o advérbio *chus/chos*, palavra própria do português do século XIII, pertenceu à tradução do ciclo da Post-Vulgata realizada por João Vivas em tempo de Afonso III. Tendo desaparecido da língua escrita logo no início do século XIV, a palavra era estranha tanto às mãos que copiaram a Demanda, no século XV, como às que copiaram o José de Arimateia, no século XVI. No entanto, o advérbio *chus/chos* foi preservado na Demanda, com um número de ocorrências que aponta para uma fidelidade notável ao original copiado. No José de Arimateia, pelo contrário, o mesmo advérbio foi eliminado de forma sistemática, não tendo nenhuma das dez mãos que copiaram o manuscrito quinhentista guardado vestígio dele. Nas secções seguintes usarei o mesmo tipo de raciocínio, mas serei mais breve.

1.2. *Ende/en* ('dele, daí, disso')

O pronome oblíquo *ende/en* (correspondente, nas línguas românicas contemporâneas, ao francês *en*, ao catalão *en/ne* e ao italiano *ne*) era parte integrante do sistema pronominal do português duocentista, estando presente na generalidade dos textos da época.⁸ Paul Teyssier (1981) mostrou que, como forma independente, já não se encontra na língua literária do século XV. No manuscrito trecentista dos Diálogos de São Gregório editado e estudado por Rosa Virgínia Mattos e Silva apresenta um número baixo de ocorrências. Mattos e Silva (1989:236) regista 54 atestações de *ende* e 5 de *en*. Nos documentos notariais do Noroeste e da região de Lisboa que editei (Martins 2001), a última atestação de *ende/en* nos documentos da região de Lisboa é de 1347⁹ e a última atestação nos documentos do Noroeste de Portugal é de 1365.¹⁰ Quer isto dizer que, fora

⁷ Alguns exemplos de *chus/chos* na Demanda:

E quando tornavam, falleciam ende os chus (cap. 158, fol. 54d)

E metera-se em ùa ermida por amor de nosso Senhor e vivera assi bem XXX anos ou chus (cap. 183, fol. 66a)

Quando el-rei esto ouviu mergeu a cabeça e começou a pensar mui feramente e a cabo d'ua gram peça ergueu-se tam triste e tam coitado que nom podia chus (cap. 637, fol. 187d)

«*Eu me calo*», disse Lançarot, «*pois assi é, e nom falarei i chos fora que rogo a nosso Senhor que aduza aqui cedo aquel que desta aventura ha de aver* (cap. 210, fol. 79a)

A esto se acordarom os ricos homens do reino os chos, e fezerom-no se nom fosse ùu seu amo que era homem bõ e leal (cap. 286, fol. 104a)

⁸ Sobre o percurso de mudança que se inicia já no século XIII, veja-se Teyssier (1981) e Muidine (2000).

⁹ *Da qual doaçom e cousas suso ditas a dita prioressa e conuêto do dito moesteyro pedírom a m'j dito tabellíom que lhjs desse ende h'iu stromêto* (Mosteiro de Chelas, ano de 1347. Martins 2001:432).

¹⁰ *Recebemos de uos Martjn Saluadorez cijncoeita libras de dinheiros portugéeses as quaes lta libras a nos erõ julgadas per sentêca por razõ de todo o noso direito que nos auyamos e êtendíamos de direito dauer nas erdades e êplazamêtos e béés mouys que a nos fiçarõ da parte do dito Ffernã de Stevez e da*

Martins, Ana Maria 2013. Copiar o português duocentista: A Demanda e o José de Arimateia. In: Álvarez, Rosario, Ana Maria Martins, Henrique Monteagudo & Maria Ana Ramos (eds.), *Ao Sabor do Texto. Estudos dedicados a Ivo Castro*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico. 383-402.

da locução *por ende/en* (que originará o advérbio *porém*) e das formas *enalhear/éalhear*, variantes do verbo *alhear* (cf. Lorenzo 1977, s.v. *enalleado*), o pronome *ende/en* não sobrevive ao século XIV.

Na Demanda há 902 ocorrências de *ende* (deduzidos os casos de *por ende*) e 323 ocorrências da forma reduzida *en* (igualmente subtraídos os casos de *por en*), o que perfaz 1225 atestações de *ende/en* como forma independente. Este nível de frequência do pronome oblíquo *ende/en* só tem paralelo nos textos do século XIII, e já não do XIV. No José de Arimateia, o pronome oblíquo *ende/en* foi quase totalmente eliminado como forma independente. Sílvio Toledo Neto (2001) identifica apenas três atestações, que não estão concentradas na mesma mão.¹¹

1.3. *Ma, ta, sa* (formas fracas dos possessivos)

Não há nenhuma ocorrência dos possessivos fracos *ma, ta, sa* no José de Arimateia, embora estas formas pertençam à generalidade dos textos do século XIII e tenham sido portanto, sem dúvida, parte da tradução da Post-Vulgata devida a João Vivas. A Demanda confirma a presença destas formas na versão portuguesa primitiva do ciclo arturiano.

Há na Demanda 48 ocorrências de *mia*, grafia ambígua que tanto poderia representar a forma fraca de primeira pessoa, com ditongo crescente átono, como a forma forte. É em relação às formas de segunda e terceira pessoas que o testemunho da Demanda é eloquente.¹² Sem distinguir posição proclítica de posição forte, há 47 ocorrências de *ta/tas*, 33 de *tua/tuas*, 582 de *sa/sas* e 414 de *sua/suas*, o que corresponde a uma percentagem de ocorrência das formas fracas dos possessivos de 59%. Este valor coloca a Demanda a par dos textos anteriores à segunda metade do século XIV, de acordo com os dados de Cardeira (2005). ~~Para o século XV~~, Cardeira sintetiza assim os factos: “A análise do conjunto de documentos não literários mostra que já antes de 1350 se tinha verificado a inversão da tendência no uso de pronomes átonos/tónicos *sa/sua* em função adjectiva; em 1350-1375 já a forma plena *sua* atinge maior percentagem que *sa* em contexto proclítico; durante a primeira metade do século XV verifica-se a estabilização deste processo de substituição”. (Cardeira 2005:282).

*dita Margarida Martjnz sua molher, e de Johã Ffernãdez ja pasado que foy seu filho e noso tío asy cõmo maís cõpridamête he contjudo ã hũia sentêca que **ẽde** o dito Martj Saluadorez tẽ* (Mosteiro de Vilarinho, ano de 1365. Martins 2001:218).

¹¹ Os três exemplos de *em/ende* como elemento independente encontrados por Sílvio Toledo Neto (2001:147) no José de Arimateia são:

*Assi dezião as letras e parecia que das suas mãos e dos seus pees corria sangue, assi que a terra parecia que era **em** toda vermelha.* (33v)

*Mas a nossa estorea, que por a boca de Jesu Cristo foi na terra enviada, nom meterá **em** Joam Vivas um ponto de falsidade.* (123r)

*Agora se guardem os outros de jazerem no Paço Aventuroso, que bem saybam todos os que i jouverem que num nom escapará que nom seja morto ou se parta **ende** mal, se sobejo nom for bõ cavaleyro.* (302v)

Da forma gramaticalizada *porem* há 27 exemplos no José de Arimateia (contra 158 ocorrências de *porem/poren/porende* na Demanda). Há ainda uma atestação no José de Arimateia da locução *por ende*: *E nom se acordava que nunca fizera pecado, onde se homem pudesse guardar, afora aquele, depois que tomara o habito. E **por ende** se manifestou e rogou-me que rogasse a Nosso Senhor que ele, por a sua piadade, o guardasse de fazer pecado por que ele houvesse sanha.* (7r).

¹² Sobre a presença esporádica (e marcada) das formas *ta* e *sa*, por oposição a *ma*, no *Cancioneiro Geral*, em Gil Vicente, Chiado e António Prestes, veja-se Teyssier (2005:146-149).

Neste, como noutros casos, o José de Arimateia exhibe uma revisão apurada do texto, que só pode ter sido intencional e planeada, e que libertou a cópia quinhentista de algumas das opções gramaticais características do português duocentista.

1.4. *Rem/ren* ('coisa, alguma coisa, nada')

O nome e pronome indefinido *rem/ren* (com valor afirmativo ou negativo em função do contexto sintático) é frequente no século XIII, sobretudo nos textos poéticos, mas o seu uso decresce acentuadamente logo no século seguinte.¹³ Na versão portuguesa trecentista dos Diálogos de São Gregório, Rosa Virgínia Mattos e Silva regista apenas 13 ocorrências de *rem* com valor negativo e 3 com valor afirmativo, no contexto *algũa ren* (Mattos e Silva 1989:190, 192). Tomando de novo como indicador o TMILG, há 1195 ocorrências de *rem/ren* neste corpus, distribuídas pelas Cantigas de Santa Maria (325 atestações), a lírica profana (828 atestações) e os textos em prosa (42 atestações). Do total de 1195 ocorrências, 1061 pertencem ao século XIII, ou seja, quase 90%. A palavra *rem/ren* está atestada no TMILG até ao final do século XIV, registando-se dois exemplos isolados em textos notariais da primeira metade do século XV.

Na Demanda a palavra *rem/ren* tem um nível de atestações invulgar num texto medieval em prosa. Há 176 atestações de *rem* e 102 da variante *ren*, ou seja, um total de 278 (quase no patamar das Cantigas de Santa Maria). No José de Arimateia não há nenhuma atestação de *rem/ren*. A substituição parece ter sido feita a favor de *nada* e talvez de *cousa*, conforme *rem* ocorria em contexto negativo ou afirmativo. Assim tanto *nada* como *cousa* são mais frequentes no José de Arimateia do que na Demanda: 237 ocorrências de *cousa* no José de Arimateia, 191 na Demanda; 108 atestações de *nada* no José de Arimateia, 28 na Demanda. A presença discreta de *nada* na Demanda está de acordo com o que é característico dos textos do período inicial do português antigo.

1.5. *Ar/er* ('igualmente, também, além disso, ainda, de novo, por outro lado, pelo contrário no entanto, ainda assim')

Na Demanda ocorre o advérbio *ar/er* que não aparece no José de Arimateia. O facto essencial é que o número de ocorrências na Demanda atinge um patamar que é exclusivo dos textos do século XIII, pois as manifestações textuais de *ar/er* reduzem-se drasticamente logo no século seguinte. Concretizando, há 61 ocorrência de *ar* e 85 ocorrências de *er* na Demanda, correspondendo a um total de 146 atestações. Estes valores são equiparáveis aos do conjunto da lírica profana (224 atestações de *ar*, 54 de *er*) ou das Cantigas de Santa Maria (171 atestações de *ar*, 3 de *er*). Nos textos em prosa, e tendo em conta a extensão relativa dos textos, só a Notícia de Torto oferece um nível equiparável de atestações, ao apresentar 11 exemplos de *ar* e 6 de *er*.

Nos séculos seguintes, a presença deste advérbio, já limitado à forma *er* nos textos portugueses, torna-se ténue. Rosa Virgínia Mattos e Silva aponta 13 atestações nos Diálogos de São Gregório (Mattos e Silva 1989:277). Laura Filipe (2007), no estudo detalhado que dedicou a este advérbio, localizou ainda 13 exemplos na Crónica Geral de Espanha, 15 na Crónica de D. João I e um na Crónica de D. Pedro, de Fernão Lopes, 6 na Crónica do Conde Dom Pedro, de Zurara, um nas Vidas de Santos editadas por Ivo Castro (1985), 8 em documentos notariais do século XIV (data a partir da qual *er* aparece exclusivamente em textos literários), o que corresponde a um total de 58

¹³ Machado (1952) diz que *rem* aparece ainda ocasionalmente no século XV (dando como referência o *Cativo Monge Confesso*), mas acrescenta “mesmo neste século a vida deste vocábulo era já bastante precária”. Sobre a palavra *algorrém* ‘alguma coisa’, que aparece em Gil Vicente e António Prestes, veja-se Teyssier (2005:111-112).

atestações para o conjunto dos séculos XIV e XV, muito abaixo do número de atestações que, isoladamente, a Demanda apresenta. No século XVI, *er* era ainda palavra conhecida mas ocorre apenas no teatro vicentino (15 atestações), sempre na boca de personagens populares (cf. Teyssier 2005:115-117).

A comparação entre a Demanda e outros textos medievais portugueses (dos séculos XIII a XV) permite assim descobrir que os copistas quatrocentistas não apagaram nem, aparentemente, atenuaram a presença no texto das formas *ar/er*, apesar de *ar* ser estranho aos textos do século XV e de *er* ter neles uma presença discreta.¹⁴ Como nos casos discutidos anteriormente, o testemunho da Demanda indica-nos que o advérbio *ar/er* pertenceu à tradução portuguesa do ciclo da Post-Vulgata feita por João Vivas em meados do século XVI. A inexistência deste advérbio no José de Arimateia, e sobretudo a nitidez do contraste entre este e a Demanda, indica que o advérbio *ar/er* foi deliberadamente, e de forma sistemática, eliminado do texto quando foi efetuada a cópia quinhentista. Neste caso, como no das formas fracas dos pronomes possessivos (vd. nota 12), a palavra não seria ‘ininteligível’ visto que ainda se regista em Gil Vicente, mas seria presumivelmente tida por estranha ao uso literário, ou simplesmente à língua escrita, quinhentista. Há pois que ler no contexto apropriado a declaração de Manuel Álvares no prólogo do José de Arimateia: “nom mudei senam os vocabulos inenteligiveis, que os que se podem entender na antiguidade daquele tempo os leixei ir”.

1.6. *Ca* (‘pois, porque, que’)

A palavra *ca*, que introduz orações explicativas/causais, completivas e comparativas, está entre as palavras mais frequentes da Demanda, ocorrendo 2259 vezes (em contraste com as 137 ocorrências do José de Arimateia). Para se avaliar da magnitude deste número tome-se como referência indicadora o corpus TMILG. Na totalidade do corpus há 6234 atestações, o que não chega a triplicar o número que encontramos na Demanda. Estão em causa especificidades textuais, mas não só.

Cerca de metade das atestações do TMILG pertencem ao século XIII. Também nos textos portugueses o decréscimo da frequência de *ca* se verifica ao longo do século XIV, sendo o resultado da substituição de *ca* por *que* nas estruturas completivas e comparativas e da lenta mas irreversível substituição de *ca* por *pois*, *porque* e várias locuções conjuncionais nas orações explicativas. No século XV, *ca* é já quase exclusivamente explicativo (cf. Mattos e Silva 2008:II-173) e neste seu último reduto perde terreno para os outros conectores explicativos. Mattos e Silva (1989:733) nota que como conjunção completiva *ca* “é raro” nos Diálogos de São Gregório, ocorrendo com esta função apenas “18 vezes nos quatro livros”.

Neste caso, a Demanda contrasta com o José de Arimateia porque na Demanda vemos *ca* plenamente produtivo em todos os seus primitivos valores gramaticais, como era próprio do português duocentista, enquanto no José de Arimateia *ca* conserva apenas a função de conjunção explicativa, havendo um único exemplo, isolado, de *ca* como conjunção comparativa (*logo lhe Deos perdoará e mais lhe apraz dele ca doutre*, 7v; cf. Neto (2001:175)). Ou seja, assumindo que a Demanda retrata bem o texto original, no José de Arimateia *ca* foi sistematicamente substituído por *que* quando

¹⁴ Alguns dos copistas da versão quatrocentista da Demanda substituíram, presumivelmente, *ar* por *er*. Isso é indicado pela frequência relativa das duas formas (no séc. XIII, *ar* é mais comum que *er*, mas na Demanda acontece o contrário) e pelo facto de *ar* ocorrer apenas nas partes do texto copiadas pelas mãos D e E (cf. Filipe (2007)). A distribuição das duas formas do advérbio no texto é a seguinte: Mão A (1-77v), só *er*; mão B (78-93v), só *er*; mão C (94-101v), só *er*; mão D (102-110v e 159-199v), *ar* e *er*; mão E (111-134v), só *ar*; mão F (135-158v), só *er*.

introduzia orações completivas e comparativas; ao mesmo tempo, foi mantido (num número significativo de ocorrências) quando introduzia orações explicativas/causais, papel que divide com outros conectores explicativos.

2. Outros casos de revisão sistemática do texto no José de Arimateia

Na Demanda, a locução *sem falha* ocorre 128 vezes. No José de Arimateia, este *sem falha* que podemos supor escolha de João Vivas para traduzir o francês *sans faille* foi sistematicamente substituído por *sem falta* (e talvez alguma vez por *seguramente* ou *sem dúvida*). *Falha* é uma das palavras que, em 1606, Duarte Nunes de Leão considerava ‘antigas’.¹⁵ Meio século mais cedo, Manuel Álvares também assim terá pensado.

Nesta secção procurarei identificar outros casos em que, aparentemente, houve revisão intencional, sistemática e concertada do texto copiado. Não vou deter-me aqui em questões de cronologia, embora algumas das formas do Quadro 1 possam ser postas em paralelo com as que foram comentadas na secção anterior.¹⁶ Pretendo antes mostrar que comparando o José de Arimateia com a Demanda é possível identificar palavras que presumivelmente pertenceram à tradução de João Vivas mas foram geralmente apagadas pelos copistas quinhentistas, tendo deixado de ter existência no texto em alguns casos (vejam-se os “0” do quadro 1) e passado a ser residuais em outros. Neste segundo caso, é comparando o número de ocorrências na Demanda e no José de Arimateia que se torna claro como algumas palavras perderam terreno, tornando-se opções secundárias (como acontece com *avir*, *catar* ou *chagar*)¹⁷ ou até simples vestígios, como o que se vê na frase *filha aquele peixe e faz dele tres pedaços* (265v), que representa a ocorrência

¹⁵ Duarte Nunes de Leão, *Origem da Língua Portuguesa*. Lisboa: Pedro Craesbeck. 1606. Cf. Buescu (1983:291-294).

¹⁶ O pronome relativo *u* (‘onde’), com 511 ocorrências na Demanda, não foi incluído na secção 2 (a par de *ende*, *rem* e dos possessivos fracos) porque ainda se encontra nos textos do século XV (há, por exemplo, 59 ocorrências na Crónica de D. Fernando de Fernão Lopes). No entanto, o caso de *u* aproxima-se dos outros comentados no secção 2 porque o número de ocorrências do pronome relativo *u* situa a Demanda a par dos textos do século XIII e não dos séculos seguintes. Nos Diálogos de São Gregório, Rosa Virgínia Mattos e Silva encontrou 86 exemplos de *hu* “no total da obra” (Mattos e Silva 1989:240). Do conjunto de 1516 ocorrências de *u* no TMILG, 1241 pertencem ao século XIII, há 206 atestações no século XIV e apenas 69 no XV, sendo a última de 1488. O que também é interessante em relação a esta palavra é que não seria desconhecida no século XVI (cf. Teyssier 2005:610-11), escapando portanto ao rótulo de ‘ininteligível’ de Manuel Álvares, mas foi uma das palavras que o processo de revisão do texto fez desaparecer. Nas duas únicas aparições no José de Arimateia, o pronome relativo *u* tem a grafia <hũu> / <huũ> (fol. 42v; cf. Neto 2001:171) como se tivesse sido confundido com o artigo indefinido e assim sobrevivido. Um facto semelhante se verifica em relação ao advérbio *aque* (‘eis que’), também com apenas duas ocorrências e grafado <aqui>. (cf. Neto 2001:168).

Algumas das outras palavras integradas no quadro 1 não terão chegado ao século XV, como é o caso, por exemplo, de *aduzer* e *guarir*, de acordo com Lorenzo (1977).

¹⁷ As 29 atestações do verbo *avir* aparecem ao longo do texto, exceto na parte copiada pela mão 10 (cf. a próxima secção). Seis das restantes mãos oscilam entre uma e três ocorrências de *avir*, a mão 4 apresenta quatro atestações, a mão 9 seis e a mão 3 sete. O verbo *catar* está ausente das partes do texto copiadas pelas mãos 1, 5 e 10. Ocorre uma única vez nas partes correspondentes às mãos 4, 6, 7 e 9; ocorre duas, três e seis vezes, respetivamente, nas partes do texto copiadas pelas mãos 8, 2 e 3. O verbo *chagar* não aparece nas partes do texto copiadas pelas mãos 1, 4, 5, 7 e 8. Nas restantes mãos tem entre uma e quatro ocorrências (estas nas partes do texto correspondentes às mãos 3 e 9). Globalmente, a mão 3 é responsável por 17 das 58 ocorrências dos verbos *avir*, *catar* e *chagar*, tomados em conjunto. As mãos 1 e 5 registam *avir* (uma e duas vezes, respetivamente) mas não *catar* nem *chagar*, a mão 10 regista apenas *chagar* (três vezes).

Martins, Ana Maria 2013. Copiar o português duocentista: A Demanda e o José de Arimateia. In: Álvarez, Rosario, Ana Maria Martins, Henrique Monteagudo & Maria Ana Ramos (eds.), *Ao Sabor do Texto. Estudos dedicados a Ivo Castro*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico. 383-402.

única do verbo *filhar* no José de Arimateia face às 178 ocorrências de *filhar* na Demanda.

Os dados relevantes que pude reunir encontram-se no Quadro 1, que deixarei falar por si. Na coluna da direita coloquei algumas das opções que os copistas terão usado para substituir as palavras a eliminar. Fi-lo apenas quando os dados que estava a manusear sugeriam uma conjetura provável, sem ter tido a preocupação de preencher essa coluna integralmente. Algumas das palavras que aparecem no quadro fazem parte da lista de “vocábulos antigos portugueses” de Duarte Nunes de Leão (nomeadamente, *adur, afã, consum, falha, filhar, hu, prez, toste e sanhudo*),¹⁸ embora outras também aí referidas estejam bem representadas no José de Arimateia, mesmo se o número de ocorrências se situa abaixo do que se vê na Demanda (e.g. *britar* e *coita*).

¹⁸ Rodrigues Lobo, na mesma época, fala de palavras de que “se perdeu o uso” e inclui entre elas *ledice, leixar* e *ca*.

E ao que dizeis das palavras antigas, posto que em algum tempo fôsem boas, não o ficam sendo na parte em que se perdeu o uso d'ellas; pois, como já disse, esse só é o fundamento e razão das palavras: e assim, não diremos leixou, trouxe, dixeu, ca, sicais, acram, leidisse, e outros vocabulos de que usaram auctores gravissimos de cujos escriptos podemos aprender a perfeição da lingua portugueza. E bastou o contrario uso para n'esta parte poderem seguir os que agora escrevem, e falam bem.(Rodrigues Lobo, Corte na Aldeia, 1619)

Martins, Ana Maria 2013. Copiar o português duocentista: A Demanda e o José de Arimateia. In: Álvarez, Rosario, Ana Maria Martins, Henrique Monteagudo & Maria Ana Ramos (eds.), *Ao Sabor do Texto. Estudos dedicados a Ivo Castro*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico. 383-402.

Quadro 1-A: Léxico possivelmente pertencente à tradução duocentista que é residual ou inexistente no José de Arimateia em contraste com a Demanda (Verbos)

Verbos	Nº de ocorrências		Possíveis substitutos
	Demanda	Arimateia	
ACALÇAR 1 acalçamos, 1 acalçando, 8 acalçar, 2 acalçara, 7 acalçaram, 2 acalçasse, 1 acalçastes, 3 acalçava, 27 acalçou	52	0	alcançar
ADUZER 1 aduga, 1 adugas, 35 adusse, 9 adussera, 1 adusseram, 1 adusseres, 7 adusserom, 1 adussessemos, 1 adussestes, 1 aduza, 3 aduzede, 15 aduzer, 1 aduzia, 1 aduziam	82	0	trazer
ASSUAR/ASSŪAR 26 formas de part. passado, 2 asuarem, 9 asuarem, 1 asuaram, 5 asūou, 1 assūar, 1 assuara, 1 assuarmos	46	0	ajuntar, juntar
AVIR 5 aveem, 40 aveeo, 2 aveer, 32 aveera, 3 aveerá, 3 aveeram, 2 aveeria, 7 aveerom, 1 aveese, 10 aveesse, 1 aveessem, 1 aveirá, 11 avenha, 186 aveo, 2 aviera, 2 avierom, 2 aviesse, 2 avinha, 6 avir	328	29	acontecer
CATAR 7 cata, 6 catade, 1 catades, 2 catado, 14 catando, 31 catar, 1 catara, 3 cataram, 1 cataras, 3 catarei, 2 cataria, 14 catarom, 2 catasse, 1 catassem, 14 catava, 4 catavam, 1 cate, 3 catedes, 1 catei, 3 cates, 98 catou	159	15	
COITAR 1 acoitar, 1 acoitarom-se, 6 coitar, 6 coitava, 2 coitedes, 7 coitou	23	1	
CHAGAR 1 achagado, 2 achagou, 2 chagada, 144 chagado, 20 chagados, 1 chagar, 1 chagara, 1 chagaram, 2 chagarom, 1 chagasse, 2 chagastes, 1 chagava, 20 chagou	198	14	ferir, dar golpes, mal tratar/ maltratar
ESMAR 2 esmar, 1 esmarom, 1 esmava, 1 esmei, 15 esmou	20	1	pensar
ESPERTAR 6 espertar, 1 espertara, 1 espertardes, 2 espertarom, 1 espertei, 1 espertemos, 21 espertou	33	0	acordar
FILHAR 1 filha, 13 filhade, 1 filhades, 2 filhamos, 42 filhar, 1 filhara, 1 filhará, 5 filharam, 1 filharás, 7 filharei, 1 filharem, 4 filharia, 2 filhariam, 1 filharmos, 36 filharom, 1 filhas, 6 filhasse, 1 filhassem, 2 filhaste, 3 filhastes, 2 filhava, 1 filhavam, 6 filhe, 4 filhede, 3 filhei, 129 filhou	178	1	tomar
GUARIR/GORIR 17 guarido, 1 guaridos, 10 guarir, 1 gorido, 1 gorir	30	0	sarar, guarecer
QUITAR 2 quitade, 5 quitar, 3 quitarei, 1 quitaria, 2 quitarom, 2 quitas, 2 quitasse, 1 quita, 1 quite, 1 quitedes, 1 quitemos, 4 quito, 3 quitou	28	2	
SACAR 5 saca, 1 sacado, 17 sacar, 1 sacará, 1 sacardes, 9 sacarom, 1 sacariam, 2 sacasse, 1 sacassem, 20 sacou	51	0	tirar
SEMELHAR 55 semelha, 1 semelhada, 2 semelhades, 12 semelhar, 1 semelhará, 5 semelharia, 1 semelharom, 3 semelhas, 3 semelhasse, 51 semelhava, 3 semelhavam, 1 semelhe, 45 semelhou	183	4	parecer
<i>15 pres, 1 presestes, 1 presou, 1 preserom, 1 presera</i> PRENDER, Pret. perf. e mais-que-perf.	19	0	
<i>32 sia, 13 siam, 10 siia, 3 siiam, 4 seve, 2 severom</i> SER, Pret. Imperf. e Pret. Perf.	42	0	
<i>nom me chal, non vos en chal, nom me cal</i> e variantes (‘não me/vos importa’. Cf. Ramos 2009)	17	0	

Martins, Ana Maria 2013. Copiar o português duocentista: A Demanda e o José de Arimateia. In: Álvarez, Rosario, Ana Maria Martins, Henrique Monteagudo & Maria Ana Ramos (eds.), *Ao Sabor do Texto. Estudos dedicados a Ivo Castro*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico. 383-402.

Quadro 1-B: Léxico possivelmente pertencente à tradução duocentista que é residual ou inexistente no José de Arimateia, em contraste com a Demanda (Nomes, adjetivos e palavras gramaticais)

Itens lexicais/ gramaticais	Nº de ocorrências		Possíveis substitutos
	Demanda	Arimateia	
AFAM	26	0	vontade
COVARDICE	23	0	
ANDANÇA	49	4	
LEDICE/LIDICE	100	0	alegria, prazer, sabor
PREZ	19	1	
SEEDA/SEDA	92	1	cadeira
ANDANTE	74	0	
ARRIZADO	13	0	
COVARDO	14	0	
ESMORIDO	20	0	esmorecido
PERJURADO	21	0	
QUITE	24	5	livre
SANHUDO	26	3	
SEESTRO	19	2	esquerdo
AL	115	12	
U/HU	511	2	
ACÁ	35	0	
ALÁ	49	0	
ÁQUE	38	2	
ADUR	20	0	a duro
ALHUR	20	0	
CERTAS	222	0	certo, verdade
DESI/DESSI	102	2	
MENTRE	64	0	enquanto, mentres
TOSTE	124	0	
DE CONSUM, DE SÛU	40	0	juntos
SEM FALHA	128	0	sem falta
PARDÉS/PARDEUS/ PARDEOS	44	0	Por Deos, por boa fe

3. Variação entre mãos no José de Arimateia

Na secção 1 mostrei que os copistas da Demanda e os do José de Arimateia tiveram atitudes diferentes perante formas que no seu tempo seriam ‘antigas’. Na secção 2 procurei mostrar que, em alguns casos, as dez mãos que copiaram o José de Arimateia trabalharam convergentemente numa direção que pode supor-se estabelecida pelo organizador da obra. Para completar o argumento de que terá havido um plano geral de revisão do texto, que as mãos do José de Arimateia executaram, será preciso mostrar que fora desse plano as diferentes mãos mostram tendências diferentes, ou seja, não há convergência espontânea. Esta última secção, como as anteriores, é apenas exemplificativa.¹⁹

O quadro 2 mostra os dados relativos a quatro parâmetros de variação. Primeiro, considera-se o modo como as diferentes mãos copiaram as formas verbais de segunda pessoa do plural da segunda conjugação, que na tradução de João Vivas teriam sempre *d*

¹⁹ Entre os aspetos que valerá a pena considerar futuramente encontram-se a colocação dos pronomes clíticos, o uso de pronomes pessoais fortes como complementos verbais, a sintaxe da negação e a distribuição dos verbos *ter/haver* e *ser/estar*.

intervocálico e que na versão quinhentista do José de Arimateia oscilam entre as formas originais e formas sem o *d* intervocálico (o quadro mostra outros aspetos interessantes da variação relativa a estas formas, mas não os comentarei). Depois, consideram-se três casos de variação que não sendo só lexical pode ver-se olhando para palavras particulares: a substituição de *assi* por *assim* (e seus correlatos), a substituição de *nenhum* como pronome indefinido [+humano] por *ninguém*, e a substituição de *padre* por *pai*.²⁰ A identificação das mãos do José de Arimateia apresentada no quadro 2 é a de Castro (1984), com o contributo posterior de Nascimento (1984).²¹

Quadro 2: Variação entre mãos no José de Arimateia (destacando as que, em cada caso, mostram os padrões mais inovadores): 2ª pessoa do plural das formas verbais, *assim/assi*, *ninguém/nenhum*, *pai/padre*

Mãos folios	2PL da 2ª conjugação				assim/assi		ninguém/nenhum		pai/padre	
	-edes	-es, -eis, -eys	%							
1 1-16	4	-es 3 -eis 15	82%		assim 0 assi 48 si		ninguém 3 nenhum 3		pai 9 padre 11	
2 17-55 260-271 304-311	46	-es 11 -eis 24 -eys 1	44%		assim 0 assi 168 si		ninguém 2 nenhum 19		pai 1 padre 51	
3 56-88 282-303	56	-eis 5 -eys 11	22%		assim 0 assi 151 si		ninguém 12 nenhum 12		pai 2 padre 16	
4 88-128	9	-es 3 -eis 8	55%		assim 0 assi 133 si		ninguém 7 nenhum 4		pai 4 padre 4	
5 129-137	8	-eis 2	20%		assim 44 assi 4 sim si		ninguém 2 nenhum 4		pai 3 padre 2	
6 138-163	16	-eis 13	45%		assim 0 assi 68 si		ninguém 2 nenhum 4		pai 6 padre 10	
7 164-191	37	-eis 10 -eys 3	26%		assim 0 assi 46 si		ninguém 5 nenhum 2		pai 0 padre 4	
8 192-233	47	-es 4 -eis 12	25%		assim 107 assi 4 sim		ninguém 12 nenhum 0		pai 1 padre 17	
9 234-259	24	-eis 3	11%		assim 1 assi 66 si		ninguém 1 nenhum 4		pai 0 padre 3	
10 272-281	18	-eis 8	31%		assim 0 assi 46 si		ninguém 0 nenhum 2		pai 0 padre 9	

²⁰ Como diz Lorenzo (1977: 188), “El port. ant. es *assi* (hasta el XVII), pero ya desde el s. XVI se conoce *assim*”. Quanto ao pronome indefinido *ninguém*, está atestado desde cedo, mas ocorre pouco nos textos medievais até ao século XV. É a partir do XVI que a sua presença nos textos se torna mais forte, embora só em finais do século XVIII *ninguém* e *alguém* substituam definitivamente *nenhum* e *algum*, com função pronominal e interpretação indefinida [+hum].

²¹ Veja-se também Neto (2001). A primeira coluna do quadro 2 identifica as partes do manuscrito correspondentes a cada um dos copistas e mostra que diferentes mãos copiaram extensões de texto desiguais.

Começando por olhar para a coluna central do quadro, relativa a *assim/assi*, torna-se desde logo evidente como, deixados livres, os copistas do José de Arimateia podem trabalhar em direções contrárias. Assim, enquanto oito das dez mãos passam ao lado da forma inovadora *assim*, as mãos 5 e 8 adotam-na com poucas exceções (a lembrar os padrões comentados nas secções anteriores para formas como *ende* ou *u*). Em concordância com esta opção, são também as mãos 5 e 8 que introduzem no texto as formas *sim*,²² *outrossim* e, no caso de 8, até *desim* (correspondendo a uma das duas únicas atestações no José de Arimateia do advérbio resultante da junção da preposição *des* com o locativo *i*).

A mão 8 é também a mais inovadora relativamente à substituição do pronome indefinido *nenhum* por *ninguém*, apresentando neste caso 100% de ocorrências de *ninguém*, ou seja, eliminando totalmente *nenhum* (com o valor de ‘ninguém’). Este é o padrão que vimos na secção 1 para *chus*, *rem*, *ar/er* e os possessivos fracos, bem como, na secção 2, para as palavras que no quadro 1 têm “0” na coluna correspondente ao José de Arimateia. A diferença é que agora este padrão é de uma única mão, não da globalidade do texto, enquanto as restantes (com uma exceção pouco significativa) oscilam entre as duas formas, com graus variáveis de inovação ou conservadorismo. Quanto à substituição de *padre* por *pai*, nenhuma das mãos vai muito para além dos cerca de 50% de introdução da forma nova e as mãos 7, 9 e 10 não a usam nenhuma vez. A mão 5 parece estar aqui ligeiramente à frente na atitude inovadora, mas o número de ocorrências é demasiado baixo para confirmar esta impressão.

Consideremos agora os dados relativos ao *d* intervocálico nas desinências verbais da segunda pessoa do plural, que deixei para o fim. A situação aqui é de variação generalizada, já que nenhuma das mãos se define como fielmente preservadora das formas antigas nem como consistentemente interventiva, eliminando-as.²³ As percentagens de apagamento das formas com *d* intervocálico para os verbos da segunda conjugação situam-se entre os 11% da mão 9 e os 82% da mão 1. Olhando para o quadro geral (que terá de ser completado com os dados da primeira e terceira conjugações), sem prestar atenção à separação entre as mãos, poderia pensar-se que as formas verbais da segunda pessoa do plural estariam entre os casos a que Manuel Álvares se refere quando diz “os [vocábulos] que se podem entender na antiguidade daquele tempo os leixei ir”. No entanto, Manuel Álvares, que é também a mão 1, introduziu nos 16 folios de texto que copiou muito poucas formas com *d* intervocálico. Além das quatro que aparecem para os verbos da segunda conjugação, há apenas mais duas para os verbos da primeira conjugação.²⁴ Apetece perguntar: será que, na verdade, Manuel Álvares planeou eliminar as formas com *d* intervocálico mas não conseguiu, neste caso, ser ele próprio consistente? Esta pergunta fica, claro, sem resposta.

4. Concluindo

Neste trabalho procurei mostrar que a Demanda retrata melhor o português duocentista do que o José de Arimateia pois, em muitos casos, deixa quase intacto, em vez de residualmente visível, o estrato linguístico primitivo (o da tradução do ciclo arturiano

²² A mão 5 usa *sim* para representar o advérbio de afirmação (*Sim, disse ela*, 135r) e *si* para representar o pronome reflexivo tónico (*vio vir contra si ùa pequena barca*, 137v). A mão 8 usa *sim* nos dois casos (*Sim, tirey! disse ele*, 202r; a par de: *vio diante sim rasto de um cavalo*, 200v; *não achou seu marido a par de sim*, 200v).

²³ Sobre a cronologia desta mudança linguística, veja-se Cardeira (2005).

²⁴ As formas com *d* intervocálico nos folios copiados por Manuel Álvares são esqueçades (12r), podedes (12v, 2 vezes), vedes (12v), tra-la-edes (16r) e sejades (16r).

Martins, Ana Maria 2013. Copiar o português duocentista: A Demanda e o José de Arimateia. In: Álvarez, Rosario, Ana Maria Martins, Henrique Monteagudo & Maria Ana Ramos (eds.), *Ao Sabor do Texto. Estudos dedicados a Ivo Castro*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico. 383-402.

devida a João Vivas). Feita esta observação, sugeri que mais do que uma questão de transmissão textual, esta diferença entre a Demanda e o José de Arimateia é talvez o resultado do modo diferente como no século XVI por oposição ao XV se percecionava e copiava um texto ‘antigo’.

REFERÊNCIAS

- Buescu, Maria Leonor Carvalhão, ed. (1983): *Duarte Nunes de Leão, Ortografia e Origem da Língua Portuguesa – introdução, notas e leitura*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Cardeira, Esperança (2005): *Entre o Português Antigo e o Português Clássico*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Castro, Ivo (1983): “Sobre a data da introdução na Península Ibérica do ciclo arturiano da post-vulgata”, *Boletim de Filologia* 28, 81-98.
- Castro, Ivo (1984): *Livro de José de Arimateia. Estudo e edição do cod. ANTT 643*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dissertação de doutoramento inédita.
- Castro, Ivo (1985): Vidas de Santos de um manuscrito Alcobacense (Coleção Mística de Fr. Hilário da Lourinhã, Cod. Alc. CCLXVI/ANTT 2274), *Revista Lusitana*, Nova Série, Separatas nº 4 e nº 5.
- Castro, Ivo (1988): “Remarques sur la tradition manuscrite de l’Estoire del Saint Graal”, em Dieter Kremer (ed.): *Homenagem a Joseph-Maria Piel por Ocasão do seu 85º Aniversário*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 195-206.
- Castro, Ivo (1993): “Demanda do Santo Graal”; “Livro de José de Arimateia”; “Matéria da Bretanha”; “Merlim”, em Lanciani, Julia e Giuseppe Tavani (eds.): *Dicionário de Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Castro, Ivo (2002): “Fallar e a tradição peninsular da Demanda”. *Santa Barbara Portuguese Studies: Galician/Portuguese Poetry, Prose and Linguistics. A Special Issue devoted to the Middle Ages* 6, 262-271.
- Filipe, Laura Martins (2007): O caso de *er/ar*: um ponto mal esclarecido na história da língua portuguesa. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dissertação de mestrado inédita.
- Lapa, Manuel Rodrigues (1930): “A Demanda do Santo Graal. Prioridade do texto português”, *A Língua Portuguesa* [Lisboa, 1929-1930] 1, 266-279 e 305-316.
- Lapa, Manuel Rodrigues (1982): *Miscelânea de Língua e Literatura Medieval Portuguesa*. Coimbra: Universidade de Coimbra. [Inclui Lapa (1930)].
- Lorenzo, Ramón (1977): *La Traducción Gallega de la Cronica General y de la Cronica de Castilla: Edición crítica anotada, con introducción, índice onomástico y glosario*. Vol. II: *Glosario*. Orense: Instituto de Estudos Orensanos “Padre Feijoo”.
- Machado, José Pedro (1952): *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Martins, Ana Maria (2001): *Documentos Portugueses do Noroeste e da Região de Lisboa. Da Produção Primitiva ao Século XVI*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Mattos e Silva, Rosa Virgínia (1989): *Estruturas Trecentistas: Elementos para uma Gramática do Português Arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Mattos e Silva, Rosa Virgínia (2008): *O Português Arcaico: Uma Aproximação*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. [2 volumes].

Martins, Ana Maria 2013. Copiar o português duocentista: A Demanda e o José de Arimateia. In: Álvarez, Rosario, Ana Maria Martins, Henrique Monteagudo & Maria Ana Ramos (eds.), *Ao Sabor do Texto. Estudos dedicados a Ivo Castro*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico. 383-402.

- Megale, Hector (2001): *A Demanda do Santo Graal. Das Origens ao Códice Português*. São Paulo: Ateliê Editorial / FAPESP.
- Muidine, Soraya Aboo (2000): Os pronomes *i* e *en(de)* no português dos séculos XIII a XVI. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dissertação de mestrado inédita.
- Nascimento, Aires Augusto (1984): “Hábitos tabeliônicos num manuscrito literário – o Livro de José de Arimateia – Lisboa, ANTT, Cod 643”, *Boletim de Filologia* 29, 119-127.
- Neto, Sílvio de A. Toledo (2001): *Livro de José de Arimatéia (Lisboa, AN/TT, Livraria, Cód. 643): Camadas Lingüísticas da Tradução Ibérica ao Traslado Quinhentista*. Dissertação de doutoramento. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.
- Nunes, José Joaquim (1908): “Textos antigos portugueses”, *Revista Lusitana* 11, 210-237.
- Ramos, Maria Ana (2009): “Transmissão e apropriação linguística na poesia medieval *ne m'en chal[t]*”. *Floema*, Ano V, nº 5, 103-125.
- TMILG = Varela Barreiro, Xavier (dir.) (2004-): *Tesouro Medieval Informatizado da Língua Galega*. Santiago de Compostela: Instituto da Língua Galega. <http://ilg.usc.es/tmilg>. [14-17/08/2012]
- Teyssier, Paul (1981): “Le système des déictiques spatiaux en portugais aux XIV^e, XV^e et XVI^e siècles”. *Cahiers de linguistique hispanique médiévale* 6, 5-39.
- Teyssier, Paul (2005): *A Língua de Gil Vicente*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Vasconcelos, Carolina Michaëlis de (1904): *Cancioneiro da Ajuda. Edição crítica e comentada*. Halle: Max Niemeyer.
- Viterbo, Fr. Joaquim de Santa Rosa (1798-99): *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*. Edição crítica por Mário Fiúza. Porto: Livraria Civilização. (2^a ed. crítica, 1983).